

Entendendo as Fake News através do Google Trends



ESAMC

INTRODUÇÃO

Atualmente, 75% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet segundo dados divulgados em dezembro de 2018 pelo IBGE. São 126,4 milhões de pessoas conectadas apenas no Brasil. Ainda de acordo com essa mesma pesquisa, a principal finalidade de quem acessa a internet é usar as redes sociais como o Facebook, Whatsapp e Instagram, principalmente.

Com tantas pessoas conectadas, é natural que seja consumida e produzida muita informação em uma velocidade absurda, afinal, outro avanço trazido pela internet é justamente o fato de passarmos de meros espectadores para produtores de conteúdo. No entanto, embora isso pareça vantajoso (e de fato seja), essa facilidade carrega consigo inúmeras complicações, sendo uma delas a disseminação de notícias falsas ou fake news.

O fenômeno que invadiu a internet e foi protagonista de inúmeros debates, principalmente durante a corrida presidencial de 2018, carrega consigo inúmeras polêmicas. Se analisarmos os dados mais recentes do Google Trends, é possível notarmos o quanto uma notícia falsa pode abalar o entendimento acerca de determinados temas – nesse caso, quase inteiramente ligados à política.

Mas, como é construída essa rede maliciosa de manipulação de dados? É isso que nós vamos abordar pegando como exemplo alguns dos temas mais buscados pelos brasileiros em 2018!

FAKE NEWS



O termo fake news não é recente, afinal, a disseminação de mentiras não é algo novo dentro do processo comunicacional. De acordo com o dicionário norte-americano Merriam-Webster, a expressão é usada desde o final do século 19, porém, ao invés da a palavra fake (recente em nosso dicionário), utilizava-se false, cujo sentido ra basicamente o mesmo.

No entanto, a expressão secular tornou-se mais conhecida durante as eleições norte-americanas de 2016, quando foram descobertas “fábricas” de notícias fantasiosas que tinham como objetivo prejudicar a democrata Hillary Clinton. . Aqui no Brasil, o ápice das discussões sobre a temática se deu durante as eleições presidenciais de 2018, quando grandes veículos passaram a dar mais ênfase ao termo e a desmistificar possíveis notícias mentirosas que visavam distorcer fatos, declarações, medidas, projetos, entre outros.

Segundo estudo publicado pela revista Science, foram compartilhadas 126 mil histórias mentirosas três milhões de vezes no Twitter no período entre 2006 e 2017. Ainda de acordo com a pesquisa, uma notícia falsa é mais atraente ao público por conta de seu teor curioso e improvável, o que faz com que elas tenham uma chance 70% maior de serem compartilhadas se comparadas a notícias verdadeiras.

Números consideráveis, não é?

Gigantes como o Google e o Facebook também passaram a criar políticas mais firmes com a finalidade de acabar de uma vez por todas com esse fenômeno – que acabou por se tornar um problema social bastante grave. A pesquisa CNT/MDA, realizada em 2017, comprovou que 80% das pessoas acreditam no que veem ou leem nas redes sociais. Deste total, 78,5% acreditam apenas algumas vezes, enquanto 1,5% acreditam totalmente.

Ou seja, se temos um número alto de pessoas que se informam por redes sociais e de informações falsas sendo disseminadas, o nível de desinformação tende a crescer mais rapidamente.

‘Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade’

A frase atribuída ao ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels descreve um pouco de como funcionam as fake news atualmente. A maior dificuldade em combatê-las está justamente no embasamento teórico e factual que está por trás delas, levando muitas pessoas a sequer conferir a veracidade da informação. E quanto mais ela é repetida, mais real ela parece ser. Tudo depende do conhecimento do público a respeito do assunto.

Quando pegamos o Google Trends – uma ferramenta do Google que disponibiliza os termos mais buscados em determinada região ou país – vemos ainda mais os reflexos de tudo isso.

DADOS DO GOOGLE TRENDS EM 2018

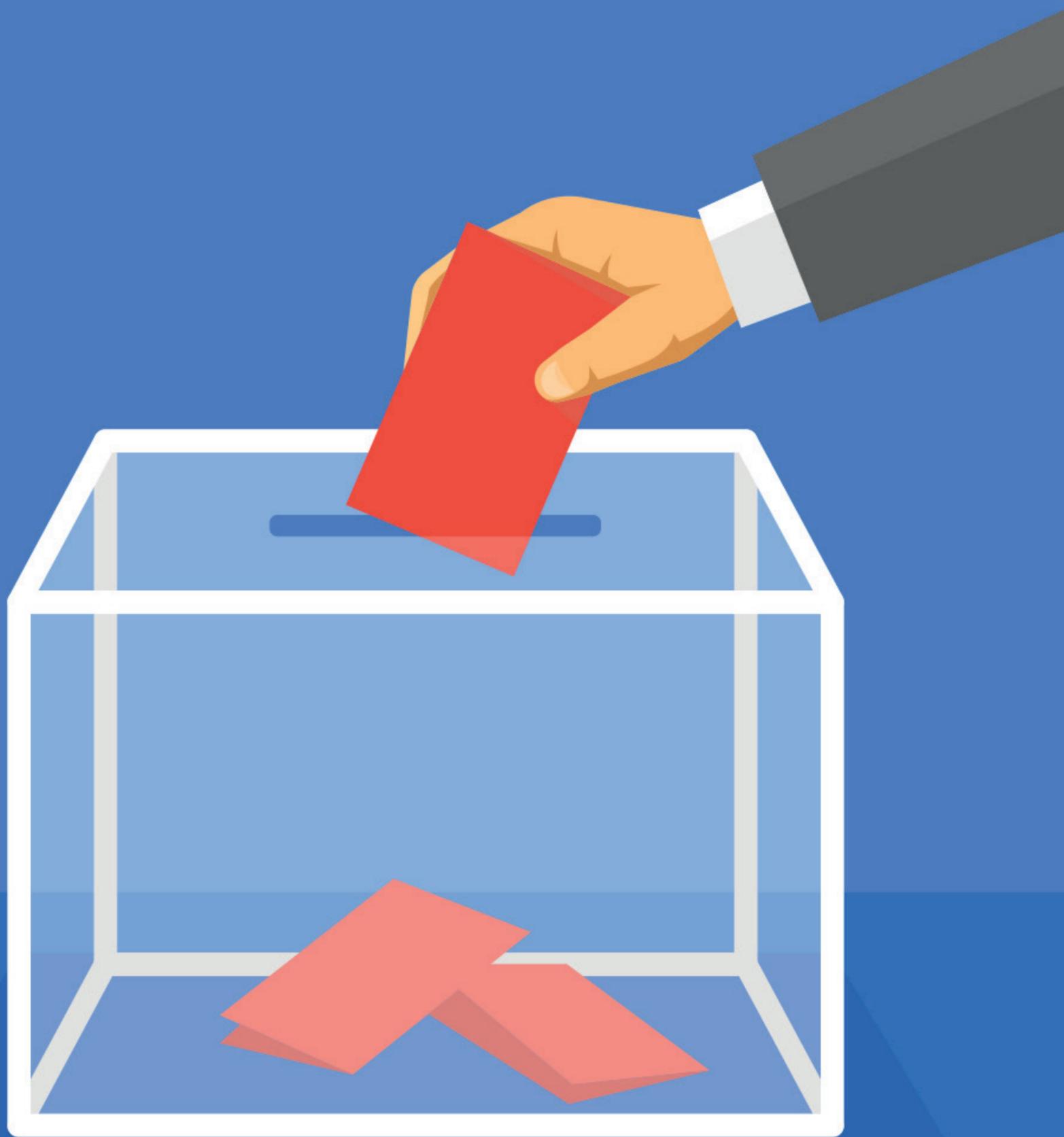


Nas principais buscas, figuraram nomes como Jair Bolsonaro, Fernando Haddad, Luiz Inácio Lula da Silva e fatos como as eleições 2018 e a greve dos caminhoneiros. Todos eles estiveram bastante em evidência durante o último ano e, inclusive, foram vítimas de fake news por todos os lados.

Mas, para entender realmente o processo dessas notícias, é preciso reparar não apenas nos termos, mas nas principais dúvidas que surgiram ao longo dos meses. Entre elas, as mais relevantes foram: “Por que votar no Bolsonaro?”, “Por que não votar no Bolsonaro?”, “O que é fascismo?”, “O que é intervenção militar?” e “O que é Ursal?”.

Além dos temas políticos, apareceram também questões relacionadas a saúde, feriados religiosos, famosos, erros gramaticais, entre outros, o que é bastante comum em todos os anos.

A CORRIDA PRESIDENCIAL



As eleições são sempre cercadas de polêmicas. Em 2014, a disputa do segundo turno entre Dilma Rousseff e Aécio Neves deixou isso bastante claro, dividindo os brasileiros entre aquilo que era real acerca dos candidatos e o que não era. Esse mesmo cenário se repetiu na emblemática disputa entre Donald Trump e Hillary Clinton, quando foi descoberto um esquema de notícias falsas na Macedônia que visava o retorno financeiro de publicidades ligadas ao site. A própria candidata disse que isso foi um fator determinante para sua derrota.

Dois anos depois do escândalo norte-americano, novamente uma disputa presidencial resultou em mentiras espalhadas por terceiros. Jair Bolsonaro e Fernando Haddad enfrentaram um cenário hostil cercado de acusações, boatos e fatos inventados. Segundo um levantamento feito pelo Congresso em Foco, logo nos primeiros 70 dias de campanha, foram realizadas 123 checagens sobre fake news diretamente ligadas aos dois principais candidatos, sendo 104 delas apenas contra Haddad e 19 contra Bolsonaro.

As fake news foram, inclusive, responsáveis por criarem conceitos a respeito dos dois, o que culminou em buscas sobre porque votar ou não em um candidato específico que ganhava cada vez mais força. Era difícil saber o que era real ou não. Nesse processo, nem mesmo os concorrentes a cargos governamentais se isentaram da disseminação de notícias mentirosas, sendo eles os principais responsáveis por muito do que foi veiculado.

Dentre os mais prejudicados pelo fenômeno estavam Fernando Haddad e Manuela D'Ávila, que acabaram por recorrer até mesmo ao Supremo Tribunal Federal (STF) para pedir que algumas dessas histórias parassem de circular.

A Ursal

O candidato do Patriota, Cabo Daciolo, acusou o também candidato à presidência pelo PDT Ciro Gomes de “ter conhecimento sobre a Ursal”, gerando um alvoroço que originou memes e dúvidas – que se tornam explícitas quando o termo figura como um dos mais buscados no Google brasileiro em 2018. A acusação ocorreu durante debate realizado pela Band e levantou uma série de questões sobre o tema.

A União das Repúblicas Socialistas da América Latina, ou Ursal, foi citada pela primeira vez em 2001 em um texto da socióloga e ex-professora da Universidade de Londrina (UEL) Maria Lucia Victor Barbosa. A teoria tinha ares de chacota e ironizava críticas de Luiz Inácio Lula da Silva, à época candidato à presidência, à Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). A expressão ainda foi acompanhada do irônico “republicuetas” ao invés de República.

Embora todo o contexto deixe claro que tudo não passou de uma alfinetada da socióloga, muitas pessoas levaram o termo a sério e passaram a disseminar notícias de que se algum candidato de esquerda ganhasse as eleições, a Ursal se tornaria realidade. E isso, sem dúvidas, prejudicou a visão de pessoas mais desinformadas sobre nomes como Ciro Gomes e Fernando Haddad, por exemplo.

Intervenção militar e outros termos

O mesmo aconteceu com o período da Intervenção Militar, ocorrido no Brasil de 1964 a 1985. A época foi citada com frequência, instaurando um clima de incerteza que despertou sentimentos de pânico e contentamento. O principal argumento quando o assunto vinha à tona era que, em caso de vitória do candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro, o Brasil retornaria a viver sob um regime militar.

No fim, todas as informações, seja sobre o retorno do período ou sobre as intenções do candidato, que sempre se declarou publicamente a favor da intervenção, foram distorcidas.

Outras fake news clássicas que marcaram 2018 foram o kit gay, a disponibilização de 5 milhões de reais para a cantora Pabllo Vittar pela lei Rouanet, a agressão de Ciro Gomes a Patrícia Pilar, a extração ilegal de madeira por parte do marido de Marina Silva, o convite de Fernando Haddad para que Jean Wyllys assumisse o Ministério da Educação em seu governo, entre tantas outras.

**E ISSO
SIGNIFICA QUE?**



Com a quantidade expressiva de informações falsas veiculadas no último ano – e os tópicos mais buscados não nos deixam mentir – muitos dos conceitos políticos, sociais e econômicos foram alterados. Em 2019, a rede de fake news continua fazendo novas vítimas e criando novas histórias.

Por mais que existam políticas criadas por grandes empresas para combatê-las, ainda há muito a ser feito, afinal, os boatos são criados pelos próprios usuários, o que torna ainda mais difícil esse controle.

O segredo para não se tornar vítima dessas notícias é estar sempre atento às fontes e aos fatos citados, se preciso, realizar uma busca rápida sobre o tema ou checagem do site onde ela está. Se cada um contribuir o mínimo possível para evitar o repasse de fake news, mais informada e ciente será a nossa população.

Referências Bibliográficas:

<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/14/crescimento-das-fake-news-influencia-agenda-publica-e-requer-acoas>

<https://jornal.usp.br/universidade/usp-reune-jornalistas-para-debaterem-o-fenomeno-das-fake-news/>

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/20/numero-de-internautas-cresce-em-cerca-de-10-milhoes-em-um-ano-no-brasil-aponta-ibge.ghtml>

https://www.huffpostbrasil.com/2017/04/05/de-onde-vem-o-termo-fake-news-da-decada-de-1890-ao-que-tudo_a_22027223/

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/redes-sociais-perdem-espaco-como-fonte-de-noticiadiz-relatorio-global>

<https://www.valor.com.br/empresas/4870574/no-brasil-80-acreditam-no-que-leem-nas-redes-sociais-diz-pesquisa>

<https://trends.google.com/trends/yis/2018/BR/>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/tse-manda-remover-da-internet-35-fake-news-que-atacam-haddad.shtml>

<https://www.revistaforum.com.br/ursal-o-que-e-e-porque-virou-meme/>

<https://spotniks.com/pare-de-chamar-os-outros-de-fascistas-voce-nem-sabe-o-que-essa-palavra-quer-dizer/>

 /ESAMC
 /ESAMCOFICIAL
 /ESAMCOFICIAL